Cinema: Arte, Cibercultura e Persuasão[1]

Douglas MENEGAZZI[2]
Andressa MORAES[3]
Diângela MENEGAZZI[4]
Jeferson RICHETTI[5]
Betina Alves CAMPOS[6]
Faculdade Assis Gurgacz - FAG, Cascavel, PR

Resumo:

Este artigo tem por objetivo analisar as faces do meio cinema embasando a filosofia do belo, a filosofia da arte, a possibilidade da expansão de idéias pelo diálogo artístico; o conceito de Estética, o meio como mensagem, o cinema como "Bioscópio", hibridismo na sociedade contemporânea, junto ao ciberespaço e a cibercultura; criando um entendimento aprofundado desse meio e sua mensagem. Serão usados os autores Nunes (2003), Mcluhan (2003), Canevacci (2001) e Lévy (2000).

Palavras-chave:
Cinema; Mensagem; Estética; Cibercultura.

1. Conceito do Belo como Tradução da Natureza Pela Arte

Antes de falar em estética nos vêm à mente conceitos básicos de beleza. Cabe-nos voltar à Idade Média e observar o desmembramento do *conceito beleza* do aspecto divino, com qual até então era somente relacionado. Para filósofos medievais a beleza era a luz superior, o brilho da verdade divina refletida das coisas a nós. Neste momento, a relação de beleza e arte era apenas acidental. As artes eram a possibilidade humana de chegar próximo a Deus.

[1] Trabalho apresentado no GT – Cibercultura e Tecnologias da Comunicação do Iniciacom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.
[2] Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade Assis Gurgacz (FAG), email: douglasmenegazzi@gmail.com
[3] Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade Assis Gurgacz (FAG), email: meladessa@gmail.com
[4] Estudante de Pós-graduação em Mídia, Política e Atores Sociais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, email: diangelam@gmail.com
[5] Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade Assis Gurgacz (FAG), email: hiharry@gmail.com
[6] Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda da Faculdade Assis Gurgacz (FAG), email: betiniti@yahoo.com.br.

No Renascimento, a Teoria do Belo teve sua união com a arte por detrimento da natureza. A partir desse ponto, a descentralização divina favoreceu o olhar mais apurado à natureza e ao próprio homem como parte integrante dela.

Sendo a natureza considerada então "conjunto de fenômenos sujeita a leis, contendo formas perfeitas" (DA VINCI *apud* NUNES, 2003, p. 52), objetivou-se a arte como uma tradução desta natureza. A arte viria do produto da atividade humana, do trabalho humano, que obedeceu a princípios que têm a finalidade de construir artificialmente os fatores que fazem parte da sistemática perfeita da natureza, ou seja, a beleza natural era transplantada pela arte para a beleza artística. A arte é a tradução da natureza.

O belo, a partir daí, é determinante, para muitos teóricos, da concepção adjetiva da atividade constituída pelo homem na tentativa de explicar a natureza, explicar a si mesmo como ser que dela faz parte, tentando transmitir o deleite real sobre algo criado, artificial.

Partindo desse pressuposto, chegamos ao caráter estético. Define-se estética não somente como o estudo do belo, pois em sua originalidade a estética é muito mais ampla que esta simples perspectiva.

Para Nunes (2003), a estética é tanto a filosofia do belo como a filosofia da arte. Sendo que é totalmente válido não resumir a estética ao conceito de belo, porque ela não se limita ao caráter de tradução da natureza, e por vezes, pode-se utilizá-la ao analisar esta natureza. Quando abrangemos o caráter de filosofia da arte, resgatamos conceitos que compreendem a expansibilidade do dialogo filosófico partindo do conceito de arte como a manifestação da existência humana. Também serve de argumento o fato de o belo não residir nas coisas, mas sim se manifestar por meio delas, e nesse sentido a estética é complexa e inerente, pois é relacionada à sensibilidade, e esta é um fator involuntário que reside na percepção sobre as coisas e não necessariamente na manifestação da natureza por meio de "uma coisa". Estética também é um meio de perceber para adaptar e, sobretudo, a primeiridade de fazer-se pensar sobre. Segundo Canevacci (2001), para se analisar algo é necessário *fazer-se ver*. É preciso não somente conhecer o assunto analisado, devemos nos manter em um estado em que possamos atentar, simultaneamente, tanto aos detalhes quanto ao plano geral do mesmo.

2. O Ciberespaço e a Cibercultura como Elementos Fundamentais da Hibridização do Cinema.

A sociedade contemporânea recria constantemente a vida por meio da tecnologia. Dentro do ciberespaço, vivenciamos experiências novas a cada momento, vivemos a eternidade do momento ao mesmo tempo em que presenciamos o caos, pois nada é organizado e possui extrema razão de ser no mundo contemporâneo. Portanto percebe-se nesse momento de expansão intelectual, que já se amplia o conceito da tradução natural por meio da arte, a tecnologia se acrescenta congruente e paralelamente à característica do aumento das possibilidades.

No cinema, por meio dos filmes Laranja Mecânica (1971) e Metrópolis (1927), podemos analisar temas contemporâneos, temas da cibercultura. Vemos o tempo de um futuro que é imaginado, não sendo este planejado. Dentro deste futuro, há uma sociedade que está organizada na tecnologia. No entanto, essa tecnologia, surgida após a revolução industrial, ainda é primitiva e, conseqüentemente, continua sacralizada. A partir dos anos 50, tudo isso sofre grandes mudanças, principalmente com o surgimento do sistema binário, que mudou o modo das filmagens e também a matemática, fazendo com que essa passasse a transmitir imagens por meio de códigos, prova da influência tecnológica crescente no caráter artístico. Entre as décadas de 50 e 80, a tecnologia se espalha a todas as áreas do conhecimento humano. Dos anos 80 até a atualidade, o homem passa da fase de deslumbramento da máquina para a transformação da mesma ao seu favor. O mundo, portanto, passa a fazer parte da tecnologia, e a tecnologia a fazer parte do nosso cotidiano. Nesse momento, cria-se algo híbrido, um homem ciborgue, um cibercorpo, um avatar; o qual não vive sem a tecnologia. Essas mudanças refletem no cinema, tanto em sua produção quanto em seus roteiros e repercussão.

> *A hibridização ou combinação desses agentes oferece uma oportunidade especialmente favorável para a observação de seus componentes e propriedades estruturais. "Assim como o filme silencioso reclamava o som o filme sonoro reclamava a cor", escrevia Sergei Eisenstein, em suas Notas de um Diretor de Cinema. Esse tipo de observação pode ser estendido sistematicamente a todos os meios: assim como a impressa clamava pelo nacionalismo, o rádio clama pelo tribalismo. Esses meios sendo extensões de nós mesmos dependem de nós para sua inter-relação e sua evolução. O fato de que se inter-relacionem e proliferem em novas progênies tem sido causa de maravilha através das idades. Deixaram de nos espantar se nos dermos ao trabalho de inquirir sobre sua ação. Podemos até se o quisermos pensar as coisas antes de produzirmos.* (MCLUHAN, 1964, p.325)

O cinema atual possui três subdivisões: o cinema direto, o de ficção e o híbrido. O cinema direto é caracterizado pelo seu tom científico; são os documentários em que

não há efeitos, atores, cenários, etc. O cinema de ficção é o mais presente, é o cinema de consumo e de venda. Já o cinema híbrido possui características de ambos os modelos descritos acima.

3. Análise do Meio Cinema Enquanto Mensagem

Para Macluhan (2003, p.23), meio é mensagem, "as conseqüências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo estalão introduzindo em novas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos".

Em outras palavras, Macluhan (2003) apresenta o meio não como uma sistemática de veículos de comunicação, mas o define como sendo a própria extensão do ser no propósito de comunicar, de transmitir a mensagem, pois sendo assim é implícito dizer que somos nossa própria mensagem. O entendimento que cada indivíduo pode adquirir sobre o outro é exatamente por meio da própria mensagem que ele transmite. Para o autor, os meios são intrínsecos à mensagem, ao plano que são fatores cíclicos que se completam.

Mensagem não existe sem meio, sendo que o meio é a própria mensagem que anteriormente a formulou. A própria conseqüência da mensagem modifica-nos e nos remete a alteração da capacidade de emitir novas "informações" por meio de nossas extensões. Significa que "o conteúdo de qualquer meio ou veículo é sempre outro meio ou veiculo..." e "...a 'mensagem' de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de exata cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas" (Mcluhan, 2003, p. 22)

Sendo o meio configuração das proporções do conteúdo e diálogo de informações, podemos considerar o cinema a força audiovisual capaz de criar e concretizar ilusões, pelo próprio caráter implícito a ele, carregando com estes valores as conseqüências de seu conteúdo. O meio cinema por si só denota valor de transformação e impacto na concretização da criatividade em algo que possui cores, formas e linhas em movimento.

É totalmente justificável a conseqüência da mensagem cinematográfica em produzir ações que venham a beneficiar direta ou indiretamente algum elemento específico, como por exemplo, o meio ambiente. A justificativa acontece exatamente na proporção entre meio e mensagem, pois o caráter do cinema é carregado de força

artística na transmissão de informações persuasivas que podem ser transformadas em apelo ecológico e social.

Na Inglaterra, em seu surgimento, o cinema ficou conhecido como "O Bioscópio", ou seja, o espelho da vida, o corte exato da visão que temos dela, o que nos remete a analogia do belo. Assim, o cinema, como veículo e mensagem, proporciona a condição necessária para a construção de uma conseqüência real por meio de ações e atitudes de telespectadores influenciados.

A intenção de causar ações pelo *meio* e *mensagem* compete em transportar o telespectador à realidade artificialmente criada, para que esta sirva de incentivo às atividades que possam modificar a realidade natural, por exemplo, a socioambiental. Portanto, não deixa de ser bastante típico que o "conteúdo" de qualquer meio nos cegue para a natureza do mesmo, por meio de nossa "ingenuidade", levando-nos ao mundo da mensagem transmitida. O cinema ao transmitir uma mensagem ecológica agrupa esforços híbridos de recursos visuais e sonoros que por meio de sentimentos chega aos pontos "frágeis" dos espectadores, favorecendo e ampliando as condições de mudanças em seus hábitos e atitudes, objetivos visados pela estratégia persuasiva, pelo conteúdo do audiovisual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema constitui-se no âmbito de meio comunicacional uma grande força ideológica e persuasiva, por seu caráter intrínseco de imagem em movimento e som, favorecendo a transmissão de mensagens e informações. Uma sistemática, de idéias, primeiramente artística que migra para um aspecto tecnológico e se configura uma das principais formas de cibercultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da Comunicação Visual**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, 277

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2000, 260 pag.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**: understanding media. São Paulo: Cultrix, 2003, 407 pag.

NUNES, Benedito. **Introdução à Filosofia da Arte**. São Paulo: Ática, 2003,127 pag.

Sites consultados:

AdoroCinema.com – Filmes – Metrópolis. Disponível em: http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/metropolis/metropolis.asp
AdoroCinema.com – Filmes – Elefante. Disponível em: http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/elefante/elefante.htm

AdoroCinema.com – Filmes – Laranja Mecânica. Disponível em: http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/laranja-mecanica/laranja-mecanica.asp

ANEXOS

Anexo I: Curta metragem – A Construção e a Desconstrução do Meio Ambiente pelo Trabalho dos Seres

Anexo II: METRÓPOLIS

Ficha Técnica
Título Original: Metropolis
Gênero: Ficção Científica
Tempo de Duração: 100 minutos
Ano de Lançamento (Alemanha): 1927
Site Oficial: www.kino.com/metropolis
Estúdio: Universum Film S.A.
Distribuição: Paramount Pictures / Kino International

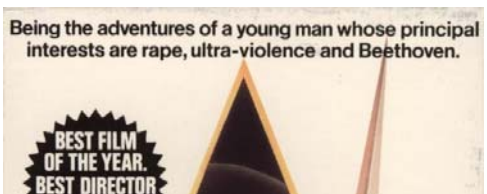
Direção: Fritz Lang
Roteiro: Fritz Lang e Thea von Harbou, baseado em livro de Thea von Harbou
Produção: Erich Pommer
Música: Gottfried Huppertz
Fotografia: Karl Freund e Günther Rittau
Direção de Arte: Otto Hunte, Erich Kettelhut e Karl Vollbrecht
Figurino: Aenne Willkomm

Elenco
Alfred Abel (Johhah "Joh" Fredersen)
Gustav Fröhlich (Freder Fredersen)
Brigitte Helm (Maria / Robô)
Rudolf Klein-Rogge (C.A. Rotwang)
Fritz Rasp (Slim)
Theodor Loos (Josaphat)
Heinrich George (Grot)
Erwin Biswanger (Georg)

Sinopse

Metrópolis, ano 2026. Os poderosos ficam na superfície e lá há o Jardim dos Prazeres, para os filhos dos mestres, enquanto os operários, em regime de escravidão, trabalham bem abaixo da superfície, na Cidade dos Operários. Esta poderosa cidade é governada por Joh Fredersen (Alfred Abel), um insensível capitalista cujo único filho, Freder (Gustav Fröhlich), leva uma vida idílica, desfrutando dos maravilhosos jardins. Mas um dia Freder conhece Maria (Brigitte Helm), a líder espiritual dos operários, que cuida dos filhos dos escravos. Ele conversa com seu pai, que diz que é assim que as coisas devem ser quando Josaphat (Theodor Loos) é demitido por Joh, por não ter mostrado plantas que estavam em poder dos operários. Freder pede a ajuda dele e vê as condições que existem no subsolo. Paralelamente Rotwang (Rudolf Klein-Rogge), um inventor louco que está a serviço de Joh, diz ao seu patrão que seu trabalho está concluído, pois criou um robô à imagem do homem, que nunca se cansa ou comete erro, e diz que agora não haverá necessidade de trabalhadores humanos, sendo que em breve terá um robô que ninguém conseguirá diferenciar de um ser vivo. Além disto decifra as plantas, que são de antigas catacumbas que ficam na parte mais profunda da cidade. Curioso em saber o que interessa tanto aos operários, Joh e Rotwang decidem espioná-los usando uma passagem secreta. Ao assistir a uma reunião, onde Maria prega aos operários lhes implorando que rejeitem o uso de violência para melhorar o destino e pensar em termos de amor, dizendo ainda que o Salvador algum dia virá na forma de um mediador. Mas mesmo este menor ato de desafio é muito para Joh, que ouviu a fala na companhia de Rotwang. Assim, Joh ordena que o robô tenha a aparência de Maria e diz para Rotwang escondê-la na sua casa, para que o robô se infiltre entre os operários para semear a discórdia entre eles e destruir a confiança que sentem por Maria. Mas Joh não podia imaginar uma coisa: Freder está apaixonado por Maria.

Anexo IV: LARANJA MECÂNICA



Ficha Técnica
Título Original: A Clockwork Orange
Gênero: Ficção Científica
Tempo de Duração: 138 minutos
Ano de Lançamento (Inglaterra): 1971
Estúdio: Warner Bros. / Hawk Films Ltd. / Polaris Production
Distribuição: Warner Bros.
Direção: Stanley Kubrick
Roteiro: Stanley Kubrick, baseado em livro de Anthony Burgess
Produção: Stanley Kubrick
Música: Wendy Carlos
Direção de Fotografia: John Alcott
Desenho de Produção: John Barry
Direção de Arte: Russell Hagg e Peter Shields
Figurino: Milena Canonero
Edição: Bill Butler

Elenco
Malcolm McDowell (Alex DeLarge)
Patrick Magee (Frank Alexander)
Michael Bates (Chefe Barnes)
Warren Clarke (Dim)
Adrienne Corri (Sra. Alexander)
Carl Duering (Dr. Brodsky)

Paul Farrell (Tramp)
Clive Francis (Lodger)
Michael Glover (Diretor do presídio)
James Marcus (Georgie)
Aubrey Morris (P.R. Deltoid)
Godfrey Quigley (Chaplain)

Sinopse

No futuro, Alex (Malcolm McDowell), líder de uma gangue de delinqüentes que matam, roubam e estupram, cai nas mãos da polícia. Preso, ele é usado em experimento destinado a refrear os impulsos destrutivos, mas acaba se tornando impotente para lidar com a violência que o cerca.